



LUTO PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA!

Adufmat 2019/2021- ELEIÇÃO 20/03/2019



ALDI NESTOR
Coordenador Geral

Vivia da agricultura de subsistência, no sertão nordestino, até ser atingido por uma barragem e obrigado a migrar. Hoje trabalha no departamento de matemática da UFMT/Cuiabá.



Gosta de música, de literatura, de café, de caipirinha, de andar de bicicleta e de lutar pelos direitos dos trabalhadores. Faz parte do grupo de pessoas que acredita que a terra não é plana.

QUÉLEN BARCELOS
Coordenadora adjunta

Bióloga, geneticista, melhorista de plantas e agrônoma (as) em Sinop. Gosta de aproveitar os caminhos, de música, dança, dos vinhos, gatos, bons papos, café, cafuné e tênis no pé.



Escolheu a profissão que achou que gostaria e acertou! É realizada como professora e pesquisadora e quer continuar exercendo isso com entusiasmo.

MARIA LUZINETE
Seguridade e aposentadoria

Paraense de nascimento, Mato-grossense por adoção, graduada em três cursos: Farmácia, Biologia e Psicologia. O primeiro lhe rendeu o pão de cada dia, o segundo representou mais que um sonho, uma alegria, e o terceiro foi a realização de uma fantasia. É professora titular de farmacologia. Já fez teatro, pintou quadros, e ama poesia.



Na Adufmat já pertenceu a diretoria, é militante de esquerda e sindicalista.

ELVIS SILVA
Secretário

"É só mais um Silva". Professor do Instituto de Física, é cuiabano de nascença. Carecão para uns, carecovski para outros, herdou dos seus avós nordestinos, além da calvice, o gosto pelo cordel, poesia, farofa e carne de sol. Não gosta de falar em público, mas ama a arte de ser professor. Aprende muito com os estudantes. Anda de bicicleta diariamente e se sente livre pedalando. Adora sorrir e sonhar, mesmo que os sonhos, por vezes, sejam pesadelos. Já quis ser arqueólogo, mas se encontrou mesmo aplicando o conhecimento da física à neurociência.



LÉLICA ELIS
Comunicação

Pau rodada que já viveu em 9 cidades. Tia da sobrinha e amante da Rosa Luxemburgo. Assistente social de formação, professora por convicção.



Inconformada com o mundo, busca construir com outros pés e mãos uma outra forma de viver. E se construção é ação, ação é verbo, e é assim que insiste em conjugar militar e luto, como verbos da construção do novo mundo, mesmo em tempos sombrios. Primeira vez na diretoria de um sindicato porque a gravidade do hoje urge que construamos logo o amanhã.

ARMANDO TAFNER
Cultura

Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFMT-Cuiabá; Sem-terra, mulheres, LGBTs, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, aposentados... gosta! De pobre, gosta também. Gosta inclusive da classe trabalhadora.



Quer ser jogador de futebol, mas não conseguiu, acabou virando economista mesmo.



MAELISON NEVES
Vice secretário

Nome de Maranhense. Apaixonado também pelo Pará e Mato Grosso. Queria ser missionário ou professor de física ou de matemática, mas acabou fazendo psicologia. O Professor de física tentou lhe dissuadir dizendo que ele passaria a vida escutando dores de corno (machismo dos cabra da peste), que seria melhor ouvir os segredos do universo. Acabou que virou professor...de psicologia. Não acha que seja um sacerdócio, por isso a ideia de ser missionário está descartada. Resolveu ser militante Lukacsiano...é também uma forma de tentar desvendar os segredos do universo...do ser social.



LILIANE CAPILÉ
Vice Tesoureira

Professora de Serviço Social e do PPGPS, militante nas frentes de esquerda contra todos os tipos de preconceitos e opressões. Apreciadora de vinhos, especialmente os da América do Sul. Apaixonada pela Chapada dos Guimarães e pela poesia pantaneira de Manoel de Barros. Vovó babona de primeira viagem, com atuação na área dos Direitos das Crianças e Adolescentes. Afinal, "gente é pra brilhar", mas os gatos também não podem morrer de fome. Em casa não tem pra ninguém, quem manda são os filhos de pelo!

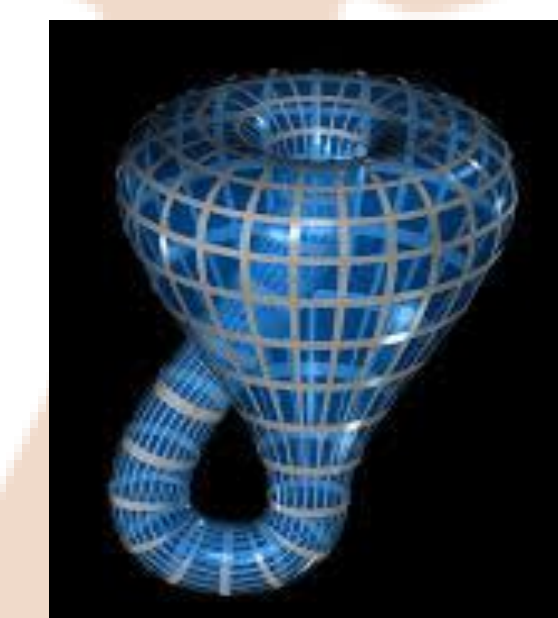


DJEISON BENETTI
Tesoureiro

Professor do departamento de matemática UFMT/Cuiabá. Gosta de geometria e topologia, mas não do jeito que dizem que tem que ser.



Foi doutrinado sozinho pela Escola de Frankfurt. Na UFMT encontrou espaço para integrar matemática, teoria crítica e psicanálise... e descobriu que dá certo.





LUTO PELA UNIVERSIDADE PÚBLICA!

PLANO DE LUTAS

- 1) Luto pela autonomia universitária e da educação superior pública, gratuita, laica e socialmente referenciada;
- 2) Luto pela valorização docente e combate ao produtivismo acadêmico que avalia a produção docente apenas por números;
- 3) Luto pela autonomia sindical e luto para aproximar o sindicato dos departamentos, institutos e faculdades, alcançando as bases;
- 4) Luto pela isonomia salarial entre os docentes ativos e aposentados;
- 5) Luto pela articulação com movimentos sociais e populares, estudantis e sindicais para a construção da unidade e solidariedade classista.



A última casca – Aldi Nestor

A máquina chegou ao povoado, como convém às máquinas, pontualmente, às 8 da manhã de uma segunda feira limpa. Uma segunda feira de agosto. Estávamos, todos, reunidos e de feijão pronto, esperando. Cada casa, seu monte, a safra do ano, colhida e posta no sol para secar, pronta pra ser debulhada.

O costume no povoado era o de debulhar vagem por vagem. Devagar. À mão. À noite. Sentados no chão, no claro de um candeeiro ou de uma lamparina, tomando café, contando e ouvindo histórias, causos, piadas, planos, aventuras e desventuras, íamos abrindo as vagens uma por uma. Na base do mutirão, durava semanas, às vezes, meses. Toda noite numa casa, até terminar o feijão de todo mundo. Era um ritual. Era o que era o povoado.

A máquina fez tudo em menos de uma hora. Tudo. Toda a produção anual do povoado foi devorada em questão de minutos. O barulho da máquina foi o que predominou na operação. Nada de história, nada de café, nada de mutirão. Só a máquina, no seu mastigado intermitente, controlado, milimetrado, triturando e triunfando sobre as vagens, moendo as cascas e derramando o feijão já ensacado, pronto pra ser comercializado. A máquina era o progresso, de garras afiadas, ali no povoado.

Quando debulhávamos à mão, entendíamos muito bem do esconderijo dos grãos, ouvíamos o estalar das vagens, sentíamos e conhecíamos os detalhes da textura, do tamanho, da cor, do formato, do pelo. Sabíamos, só de olhar, as vagens que davam mais trabalho de ser abertas, as murchas, as chochas. Debulhar à mão é saber do grão pela vagem.

À máquina, todas as vagens são iguais, tratadas do mesmo jeito. À máquina, não existe vagem boa de ser aberta, vagem disputada na debulha, nem vagem deixada pro final. À máquina, tudo não passa de um número.

Após cada debulha manual, as cascas, ainda plenamente cascas, eram cuidadosamente armazenadas, pra virar ração pro gado. Com a máquina, as cascas caem no chão desfiguradas, semi destruídas, sem qualquer identidade, um bagaço que o gado mal tem o trabalho de mastigar. A máquina mexe até no tempo de mastigar.

Desligado o motor, conforme combinado, o pagamento. Ali, na hora, como convém às máquinas. Em feijão. A máquina levou, por menos de uma hora de trabalho, mais do que muitos de nós levou meses pra produzir. Assim, de súbito. Seria o progresso o fim do trabalho?

Levamos o resto do dia, da semana, do mês, a filosofar sobre a rapidez da máquina, a precisão, a economia de tempo, o lucro. Sim, o lucro. Por aquele quarto de hora de serviço e algumas gotas de óleo, a máquina lucrou mais de uma saca de feijão. O futuro é a máquina? O progresso é a máquina?

Ninguém mais sequer cogitou voltar às debulhas manuais, às histórias, aos causos, ao café. Ninguém. Aos encontros que eram, por assim dizer, o melhor que havia no povoado, a hora da partilha, da comunhão, da união, nem mais um sinal. Nada. O progresso engoliu tudo isso a seco. O progresso não tem história, não tem passado, não tem futuro, não sente dor, não sente amor, não sente saudade. É a máquina!

Retrato do artista quando coisa

Manoel de Barros

A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.